

# Clipping

www.adimb.com.br - adimb@adimb.com.br



# ADIMB

Agência para o Desenvolvimento  
Tecnológico da Indústria Mineral Brasileira

**11 de Novembro de 2016**

*O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem*

---

**A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico  
e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira**

---



## **COMUNICADO**

A Comissão Brasileira de Recursos e Reservas – CBRR, organização fundada por ação conjunta do IBRAM, ADIMB e ABPM e admitida como membro do “Committee for Mineral Reserves International Reporting Standards”- CRIRSCO, em dezembro de 2015, informa que já está recebendo solicitações de registros de Profissionais Qualificados (Qualified Professionals - QPs).

Informações sobre a CBRR, qualificações mínimas e o processo de registro estão disponíveis no site da CBRR através do link <http://cbrr.org.br/>

Comitê de Registro da CBRR



## **RAIO-X DA MINERAÇÃO MINEIRA**

### **Estudo inédito da Fundação Getúlio Vargas, em parceria com entidades representativas, detalha a relação de Minas Gerais com o setor**

A maior potência mineradora do Brasil acaba de ganhar um estudo inédito e abrangente, que demonstra como a atividade é fundamental para o desenvolvimento de centenas de municípios. Coordenado pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV/IBRE), o Panorama da Mineração em Minas Gerais demandou um ano de análises. Como resultado, o trabalho traz a interpretação de milhares de dados socioeconômicos, demográficos, históricos, geográficos e ambientais e comprova, com rigor científico, que a mineração é locomotiva do estado.

“Tivemos a preocupação de juntar indicadores para várias áreas, para mostrar não só a economia, nem só a mineração ou só o minério de ferro. Mostramos todos os minérios, e como a sociedade mineira foi influenciada pela mineração. Acho que esse trabalho traz um outro retrato mais completo, que são os benefícios sociais que o censo demográfico demonstra nos índices de desenvolvimento da FGV e uma das responsáveis pelo estudo, Maria Alice de Gusmão Veloso.

Os dados foram compilados e analisados por especialistas da FGV, esforço que contou com a parceira do Sindicato Nacional da Indústria da Extração do Ferro e Metais Básicos (Sinferbase); Sindicato da Indústria Mineral do Estado de Minas Gerais (Sindiextra) e Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram). Os pesquisadores se debruçaram sobre indicadores com corte temporal até 2013. A cerimônia de lançamento ocorreu em agosto, em Belo Horizonte.

### **Aspectos socioeconômicos**

A Indústria Extrativa de Minas Gerais (IEM) representa, em termos de valor adicionado ou produto interno bruto (PIB), 24,41% do setor industrial do Estado, além de contribuir com 8,01% da economia estadual como um todo.

O setor se concentra nos minerais metálicos, especialmente o ferro, cuja produção representa 90% da extração no Estado. Conseqüentemente, a metalurgia e a siderurgia são as atividades que mais consomem essa matéria-prima. A construção civil e a indústria de produtos químicos também são grandes consumidoras, sendo as que mais demandam minerais não metálicos.

Das empresas de extração mineral cadastradas em Minas Gerais, 98,3% são consideradas de micro e pequeno porte. No entanto, essa faixa responde por mais de um terço dos empregos no setor, 37,4%. As médias e grandes compõem 1,5% do número de mineradoras no estado e empregam 62,7% dos trabalhadores. Até 2011, 60,6 mil pessoas trabalhavam na indústria extrativa de Minas Gerais.

Subindo na cadeia produtiva mineral, chega-se à indústria de transformação. O segmento de Minas Gerais representa 44% da capacidade nacional. A indústria de transformação contribui com 15% da economia do Estado.

Em termos de unidades produtivas extrativas ou de transformação, o Brasil apresentava, em 2011, 13,268 unidades. Dessas, 3,349 localizam-se em Minas Gerais, o equivalente a 25,2% do total.

Na pauta de exportações de Minas Gerais, os minérios têm cerca de 50% de representatividade, sendo que 99% do montante estão associados às vendas de minérios de ferro. Minas também responde por quase 100% das exportações de chumbo, zinco, nióbio, metais preciosos, grafita, ardósia e Magnesita.

### **Aspectos Demográficos**

Como o minério de ferro é predominante, as cidades onde há esse tipo de extração são mais populosas na comparação com as irmãs de vocação. A densidade demográfica desses municípios subiu de 56,3 habitantes por km<sup>2</sup> para 78,4 em 20 anos (entre 1991 e 2010). Alguns exemplos são Nova Lima, João Monlevade e Itabira.

Em contrapartida, no que se refere ao índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM), os municípios produtores de água mineral (como Araxá, São Lourenço, Brumadinho) e fosfato (como Tapira, Patrocínio, Patos de Minas) apresentaram índices mais positivos em 1991 (0,524 e 0,516) e em 2000 (0,659 e 0,666). Os resultados são maiores que a média de Minas e do Brasil nos mesmos períodos (0,478 e 0,493, respectivamente). Nos municípios mineradores de ferro, o IDHM chegou a 0,621 em 2000.

Já em 2010, os produtores de areia (Betim, Itaúna e Sacramento) apresentaram o maior IDGM (0,753), ultrapassando os índices estadual e nacional no mesmo período (0,731 e 0,727). Muitos deles produzem mais de um mineral, como Nova Lima, que produz minério de ferro, ouro, manganês e areia.

A infraestrutura também foi analisada. Em 2010, mais de 99% das cidades minerárias do Estado tinham energia elétrica e banheiro com água encanada, índices superiores aos nacionais.

“A ideia desse trabalho é trazer essa verdade de que a mineração é muito mais do que extrair o minério. É todo um mundo que gira e que se multiplica em emprego, em renda, em produção e em outros aspectos”, comenta a especialista da FGV.

### **Aspectos geográficos e ambientais**

O relevo, as montanhas e a qualidade dos minérios encontrados no solo mineiro favorecem a atividade mineradora. O território do Estado tem 3,3% de área dedicada à extração mineral, enquanto a maior parte (55%) é reservada à agropecuária.

Tendo como base pesquisa realizada em 2012 por Mauricio Boratto Viana, da Universidade de Brasília, intitulada “Avaliando Minas – Índice de Sustentabilidade da Mineração”, o estudo da FGV aponta que, dentre as principais mineradoras do Estado, todas operam com licenciamento ambiental. Desse universo, 18% apresentavam atraso nos relatórios anuais obrigatórios.

Mais de 90% das empresas analisadas adotam gestão de recursos hídricos, como reaproveitamento ou programa de redução do consumo, e mais de 80% estão em

dia com o inventário de emissões dos gases do efeito estufa (GEE). Todos dispõem de estrutura ambiental organizada, com coordenação ligada à uma diretoria de decisão no negócio.

### **Novo contexto**

O Panorama da Mineração em Minas Gerais baseou-se em informações de até 2013”. Houve um momento de queda acentuada de preços internacionais e nós não estávamos preparados para aquela redução que foi drástica. Mas a curva já vira, as empresas já tomaram suas providências, já ajustaram as suas operações e, dentro dos setores industriais brasileiros, o que menos sofreu com a crise econômica foi o de mineração”, pontuou o diretor-presidente do Ibram, do Sindiextra e do Siferbase, José Fernando Coura.

Na opinião do ministro de Minas e Energia, Fernando Coelho, um fator que tem contribuído para a crise no setor é a insegurança jurídica. “Conversando com os empresários, com os setores da mineração, todos pontuam a questão da insegurança que o país passou a ter em relação a como será o novo marco regulatório”, afirmou em coletiva durante o lançamento do estudo.

As novas estatísticas devem surgir no próximo trabalho, já que os pesquisadores pretendem continuar com a pesquisa para que sempre existam materiais atualizados sobre o tema.

“O que tinha de dado substancial é até 2013 e isso faz sequencias históricas, muito importantes para entendermos o momento. Agora nós vamos contratar a FGV para segunda fase. Vamos mostrar a sequência de produção e atualizar. Acredito que até o final do ano que vem já tenhamos as informações de 2014 e 2015 disponíveis”, diz Coura.

**Fonte: Mineração & Sustentabilidade**

**Autor (es): Sara Lira**

**Data: Setembro/Outubro 2016**



## **THE MINING COMMUNITY NOW HAS ITS OWN SOCIAL MEDIA SITE — PEOPLEMINE**

The importance of social media for businesses became more obvious than ever last week, after the leader in the matter, Facebook, announced it was creating a separate version aimed at helping users do actual work.

Called Workplace, the platform is ad-free and not connected to users' existing accounts. Instead, businesses sign up as an organization and pay a monthly fee based on the number of users, though this new Facebook's feature is free for non-profits and educational institutions.

But long before this, the mining community saw the birth of its own social network: PeopleMine. The site, launched by Glacier Media and InfoMine late last year, seeks to connect individuals who work, or aim to do so, in the resources sector.

Despite not being advertised, PeopleMine already counts with more than 40,000 active users and it has been growing at an average of 750 new members every week, according to Johann Andrew Robertson, General Manager of Mining Business Solutions at InfoMine and one of the project's leaders.

Like Facebook or LinkedIn, PeopleMine allows users to create a profile that can help them establish their presence in the global mining community.

One of the main objectives of this new platform, says Robertson, is to empower users to develop their professional mining brand, opening the door to career advancement through inbound employment opportunities.

"While PeopleMine is there to connect and engage with like-minded people and colleagues, those who will benefit the most from PeopleMine are job seekers, recruiters, and supplier sales staff," he explains.

Users can highlight their work experience and education, as well search for job opportunities and get matched with other mining professionals using PeopleMine's specialized search tools. They can then connect, communicate, post, like, comment, and share mining related experiences, thoughts and news with others.

"Groups and other advanced networking functionalities are coming very soon," notes Robertson.

PeopleMine does not compete with established business sites, such as LinkedIn, but rather complements it, the executive adds.

"LinkedIn is an established community and has been a live forum with good mining content for a while now, but as one's role in mining gets more specialized, the increased quality the PeopleMine community represents to its members starts to become clearer, and the community bond becomes stronger," Robertson says.

"We've been providing mining services to mining's people for over 20 years, and we've built in the same opportunities for mentorship, discovery of mining specific associations, and interpersonal workplace recommendations... All of these are much more tangible through PeopleMine," he adds.

The new platform is soon to be tightly integrated with InfoMine's other offerings, including but not limited to CareerMine jobs and resumes, EduMine courses and webcasts, TechnoMine technology reviews and discussions, MINING.com news and alerts, EventsMine events, and LibraryMine publications, videos, and other resources.

**Fonte: Mining.com**

**Data: 17/10/2016**

# ESTADO DE MINAS

## O DIAGNÓSTICO DO SETOR MINERAL

### **É possível o convívio responsável e harmonioso entre mineração e meio ambiente**

A mineração brasileira apresenta um quadro de desinvestimento, indefinição jurídica, falta de liderança empresarial e um órgão regulador (DNPM) em constante dificuldade operacional. É inócuo aplicar, como remédio, apenas mais orçamentos e funcionários. É preciso ousar, romper com o passado, e sem delongas: 1) modernizar o DNPM, informatizando-o totalmente, eliminando a burocracia inútil e reavaliando o número de escritórios regionais; 2) retomar o Código de Mineração de 1967, com realistas correções tributárias e lúcidas exigências ambientais; 3) aprofundar as mudanças em curso no Serviço Geológico do Brasil (SGB-CPRM), fazendo com que a instituição produza compativelmente com seus custos. Para que isso se efetive, vão ser necessárias coragem e competência dos novos dirigentes estatais, atributos que os mesmos vêm demonstrando possuir. Não há como modernizar o serviço público sem enfrentar o corporativismo. Depois, é imprescindível estabelecer metas, cobrar resultados e disseminar a meritocracia. Se isso não for feito, o setor mineral continuará em estágio terminal, pois ele é dependente de órgãos públicos saneados e produtivos, como ocorre em qualquer outro país em que a mineração deu certo.

O setor mineral brasileiro não chegou à UTI apenas por baixo crescimento da economia mundial e pela desaceleração chinesa. O fechamento de empresas, vendas de ativos, corte em exploração mineral, desemprego e desinvestimento decorreram, majoritariamente, da interrupção de um ciclo de alta das commodities minerais. Esse foi um período de lucros extraordinários (em janeiro de 2001, as 10 maiores mineradoras valiam cerca de US\$ 100 bilhões; em janeiro de 2006, US\$ 470 bilhões). Foram tempos de significativos aumentos de produção, fusões, aquisições e grandes volumes de capitais aplicados em exploração. Como as descobertas vieram em número decepcionante, e as mineradoras costumam comprar ativos na alta e vendê-los na baixa, quando a maré recuou foi fácil ver quem estava nu. Aqui, acrescentamos dificuldades, tranquilizando o investidor com um novo marco regulatório. Além disso, o governo deixou o DNPM à míngua até o ponto de sua quase total inoperância.

A sociedade brasileira trata mal o setor mineral, seja por um viés ideológico obtuso, seja pelo desconhecimento quanto à sua importância econômica e social. Entre 1974 e 1978, a produção mineral aumentou 100%, com destaque para alumínio, níquel, manganês, nióbio, ouro e estanho. Alcançamos posição de destaque na produção minero-metalúrgica e liderança do mercado mundial de ferro através da Vale, segunda mineradora mundial naquele momento. Em 40 anos, a produção mineral passou de US\$ 10 bilhões/ano para cerca de US\$ 50 bilhões em 2011 (4% do PIB), contribuindo, enormemente, com o equilíbrio da balança de pagamentos. Nada disso teria acontecido se não fossem as novas descobertas de depósitos minerais. Não obstante, somos hoje um país com baixa atratividade para investimentos no setor mineral (56ª posição, segundo agências internacionais). Isto é inaceitável, pois continuamos a ter extensão territorial e

potencial geológico. Precisamos mudar a imagem do país para os investidores, acabando com o clima de indefinição jurídica existente. Para que isso ocorra, é necessária competente articulação política, com engajamento de líderes empresariais e de associações de classes. Se assim não fizermos, colheremos um conjunto de normas e leis que expressarão, apenas, os interesses políticos. O Brasil é, hoje, menos atraente para a exploração mineral que o Congo. O que mais precisa ser dito?

O dinamismo do setor mineral depende de investimentos em exploração e novas descobertas. O potencial geológico de um país não é um conceito imutável. Para desespero de alguns, as descobertas de depósitos minerais decorrem de ideias geológicas inovadoras. Em qualquer país, cabe ao respectivo serviço geológico nacional apresentá-las. Hoje, estamos na 69ª posição mundial em termos de disponibilidade de informações geológicas básicas. Os líderes do setor mineral sempre optaram por uma postura hermética, distante do consumidor final. Mas o mundo mudou e, agora, terão que mostrar que é possível o convívio responsável e harmonioso entre mineração e meio ambiente. Isso é plenamente viável, pois países com elevados IDHs, como Canadá e Austrália, são, também, os maiores produtores minerais. As propostas apresentadas pelos novos dirigentes estatais, visando à modernização do DNPM e substancial melhora técnico-científica dos produtos do SGB-CPRM, apontam para um caminho correto. Se implementadas, o restante ficará por conta do investidor, que sabe, perfeitamente, onde colocar o seu próprio dinheiro, visando a novas descobertas e produção dos bens minerais de que tanto precisamos.

**Fonte: Jornal Estado de Minas**

**Autor(es): Noevaldo A. Teixeira**

**Data: 22/10/2016**



## **VALE BOARD OK'S SALE OF FERTILIZER UNIT — REPORT**

The board of directors at Brazilian mining giant Vale (NYSE:VALE), the world's largest iron ore producer, has approved the sale of the firm's fertilizer business, amid a global oversupply of potash that has caused prices to tumble in the past year, leading to layoffs and mine closures across the sector.

According to local newspaper Valor Econômico (in Portuguese) most of the division's assets will be acquired by US-based Mosaic Co. (NYSE:MOS), the world's largest producer of phosphate fertilizer, with whom Vale had been in talks for months.

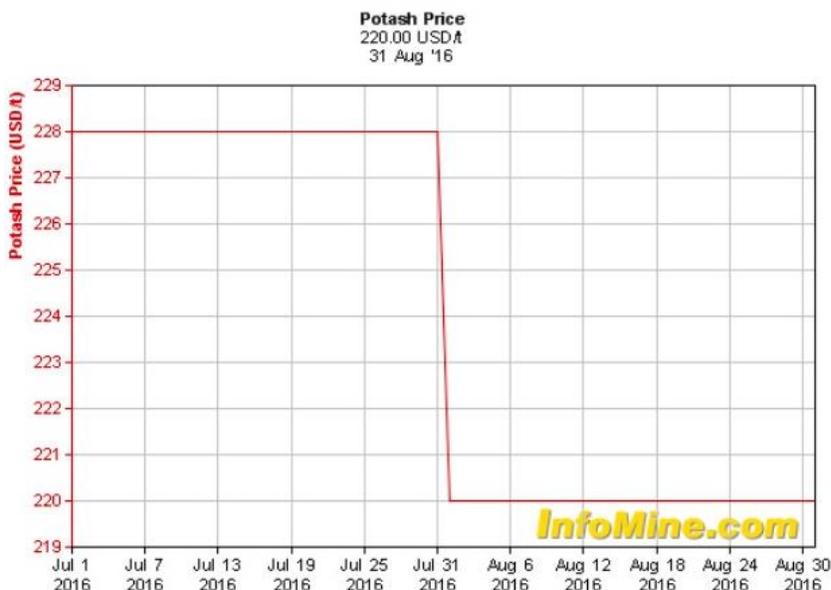
The company's plants in Cubatão, São Paulo, are said to be going to Norway's Yara International.

With the deal, Vale — the biggest producer of phosphate in Brazil, which in turn is the planet's fifth-biggest user of fertilizer — is expected to fetch about \$ 3.5 billion.

The Rio de Janeiro-based company had long vowed to hold on to world-class operations in these and other key areas.

But in February, it shocked market analysts by announcing it was putting its core assets on the block in a bid to reduce its net debt to \$15 billion within 18 months, from \$25.23 billion at the end of 2015.

## Potash prices — painful to look at



Vale, which logged Thursday a third quarter net profit of \$575 million, will also go ahead with the sale of its Carborough Downs coal mine, the company's last operating mine in Australia, Valor said.

The company's net operating revenue increased 13% in the period to \$7.3 billion. Such revenue recovery came amid higher iron ore prices, which reached an average \$65.50 per tonne in the quarter, versus \$62.11 in the same period last year.

It definitely wasn't helped by the fertilizer business, as prices for potash have been on a downward spiral. They began their decline four years ago, as weak crop prices and currencies weakness pinched demand. Potash has also suffered from increased competition following the breakup in 2013 of a Russian-Belarusian marketing cartel that previously helped limit supply.

The industry's woes have seen a pick-up in M&A and last month Canada's Potash Corp. of Saskatchewan (TSX:POT) (NYSE: POT), the world's largest producer of the fertilizer by capacity, and smaller rival Agrium (TSX:AGU) (NYSE: AGU) agreed to an all-share merger, creating the world's largest crop-nutrient supplier worth about \$36 billion.

Fonte: Mining.com

Autor: Cecilia Jamasmie

Data: 17/10/2016

## CHINA PUXA PREÇO E MINÉRIO SOBE 16% EM OUTUBRO

O minério de ferro fechou o mês de outubro no maior patamar de preços desde o fim de abril, negociado a US\$ 64,38 a tonelada no porto chinês de Qingdao, segundo dados do "Metal Bulletin". Apenas no mês passado valorização foi de 16%, com um movimento de retomada dos estoques no mercado chinês.

Em análise recente, o Credit Suisse destacou que o aumento do consumo de aço pela siderurgia chinesa ultrapassou o avanço de produção das cinco maiores mineradoras do mundo (Anglo American, BHP Billiton, Fortescue, Rio Tinto e Vale). "O abrandamento do fornecimento de minério de ferro e reaceleração aparente na China desde o terceiro trimestre significa que a demanda de aço está superando o crescimento da oferta e esperamos que isso continue no primeiro semestre de 2017", afirma o banco em análise.

Em abril, quando a commodity chegou a ser negociada a US\$ 70,46 a tonelada, batendo o maior valor desde janeiro de 2015, o preço também havia sido beneficiado pelo interesse das siderúrgicas chinesas, além do efeito do crescimento sazonal da construção no país.

O banco suíço também questiona o crescimento de 5% de oferta esperado pelas principais mineradoras do mundo para o ano que vem, e estima que esse crescimento deva ser na casa de 2%.

Aliada à pressão dos preços do carvão, que enfrentaram também uma forte alta recente, a valorização do minério deve, inclusive, afetar a rentabilidade das siderúrgicas, segundo apontamento da agência de classificação de risco Moody's.

No ano, a valorização do minério de ferro é de 48,2%, deixando distante o patamar de 11 meses atrás, quando a commodity atingiu seu menor valor em dez anos - a US\$ 38,30 a tonelada - e levou a maior parte mineradoras do mundo à anunciar processos profundos de revisão dos negócios.

O petróleo, por outro lado, ficou mais perto da estabilidade em outubro, com o barril Brent, negociado em Londres, recuando 1,5% no mês, para US\$ 48,30. A contração, inclusive, veio apenas nos últimos dias do mês, após incertezas sobre o acordo de redução de produção da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep).

Os países-membros enfrentam impasse com a recusa de Irã e Iraque de acompanharem os outros membros do cartel no corte de produção. Enquanto os iraquianos desejam manter a receita com o petróleo para se fortalecer no conflito com o Estado Islâmico, o Irã deseja continuar com sua curva de crescimento após o fim do embargo comercial ao país, em janeiro.

Além disso, relatório do Departamento de Energia americano divulgado ontem indicou que a produção média de petróleo em agosto no país, de 8,7 milhões de barris por

dia, superou os resultados de meses anteriores, de em média 8,5 milhões de barris diários. O petróleo WTI, negociado em Nova York, fechou outubro a US\$ 46,84 o barril, um recuo de 2,9% no mês.

Os outros metais básicos encararam estabilidade na comparação com o mês anterior, com o cobre recuando 0,45% na LME, em Londres, para US\$ 4.843 a tonelada. O alumínio subiu 2,75% no mês, para US\$ 1.719 a tonelada. O zinco foi outro a apresentar ligeira elevação no mês, de 0,8%, para US\$ 2.396,50 a tonelada.

**Fonte: Valor**

**Autor: Rodrigo Rocha**

**Data: 01/11/2016**



## **HORIZONTE VAI CAPTAR R\$ 35 MI PARA PROJETO DE NÍQUEL ARAGUAIA**

**A Horizonte Minerals quer levantar 9 milhões de libras esterlinas, cerca de R\$ 35,28 milhões, por meio de colocação de ações, para financiar a preparação do estudo final de viabilidade do projeto de níquel Araguaia, no Pará. A informação consta no comunicado enviado hoje (1) pela companhia para a Bolsa de Valores de Londres (LSE).**

O estudo preliminar de viabilidade, divulgado em outubro, mostrou que o Valor Presente Líquido (VPL), depois de impostos, pode chegar a US\$ 328 milhões, e a Taxa Interna de Retorno (TIR) a 19,3%, considerando o preço de longo prazo do níquel a US\$ 12.000 por tonelada. O fluxo de caixa livre do empreendimento pode chegar a US\$ 1,3 bilhão em 28 anos de vida útil da mina, com a premissa de produção de 14.500 toneladas por ano de níquel contido em ferroníquel.

A empresa disse que pode levantar essa quantia pela colocação de 450 milhões de ações ordinárias a 2 pences cada, ou 8 centavos de real. “Os recursos líquidos da colocação serão usados para custear a preparação de um estudo definitivo de viabilidade para o projeto de níquel Araguaia, no Brasil, que pertence integralmente à companhia e capital de giro. A colocação é condicional a, entre outras coisas, aprovação de resoluções na assembleia geral da companhia”, diz o comunicado. A assembleia acontecerá em 26 de novembro.

No Reino Unido, as empresas FinnCap e Shard Capital serão responsáveis pela colocação condicional de 374 milhões de ações. As empresas NRG Capital e Paradigm Capital são os assessores financeiros da operação de colocação, no Canadá, de 76 milhões de ações.

“Estou encantado em ter recebido compromissos condicionados de para levantar 9 milhões de libras predominantemente de investidores em Londres e em Toronto que vão financiar o estudo de viabilidade definitivo de Araguaia. Nossos principais acionistas, notadamente Teck, Henderson, Richard Griffiths e City Financial, continuam a apoiar o desenvolvimento de Araguaia”, disse Jeremy Martin, CEO da Horizonte.

Segundo Martin, o estudo deve começar em breve e vai aprimorar o recente estudo preliminar anunciado em outubro. “A perspectiva de consenso para o médio e longo prazo do níquel é positiva e acreditamos que Araguaia está bem alinhado para maximizar o valor para os acionistas”, afirmou o executivo em nota.

**Fonte: Notícias de Mineração**

**Data: 01/11/2016**



## **MMX VENDE MINAS PARA TRAFIGURA E MUBADALA EM MG**

A MMX Sudeste, mineradora de Eike Batista, deu passo importante para avançar no plano de recuperação judicial da companhia, processo que vem se arrastando desde 2014. A empresa oficializou a venda de duas minas de minério de ferro, em Minas Gerais, para a Mineração Morro do Ipê, controlada por um Fundo de Investimento em Participações (FIP) pertencente à trading Trafigura e à Mubadala, companhia de investimentos de Abu Dhabi. O valor total da transação é estimado R\$ 207 milhões, dos quais R\$ 70 milhões pagos à vista. A venda das minas de Tico-Tico e Ipê, nos municípios de Brumadinho e São José de Bicas, é o pilar do plano de recuperação judicial da MMX.

A parcela de R\$ 70 milhões foi depositada em conta vinculada da MMX Sudeste, subsidiária da MMX Mineração e Metálicos S.A., na sexta-feira. Eike tem 57% da MMX S.A. O dinheiro será usado para pagar credores quirografários (sem garantias) da MMX Sudeste. Os credores dessa classe que aceitaram participar do acordo vão receber royalties de 3% da receita bruta da Mineração Morro do Ipê, quando a empresa atingir 6 milhões de toneladas de produção de minério de ferro por ano, o que deve ocorrer só daqui a quatro anos. O pagamento de royalties deve gerar mais R\$ 70 milhões para os credores.

Pelo arranjo, Trafigura e Mubadala detêm juntos 51% do FIP que controla a Mineração Morro do Ipê, enquanto os credores que entraram na negociação ficam com os 49% restantes, participação avaliada em R\$ 67 milhões. É a soma desses três ativos (pagamento à vista, royalties e participação acionária na nova empresa) que alcança R\$ 207 milhões. É um valor ainda distante da dívida total da MMX Sudeste com os credores quirografários, que soma R\$ 680 milhões. A MMX Sudeste tem também 2,5 mil hectares de fazendas e participação no terminal ferroviário de Sarzedo (MG) para carregamento de minério de ferro. Esses ativos, embora não tenham liquidez a curto prazo, podem representar no futuro mais R\$ 45 milhões e R\$ 24 milhões, respectivamente, para

pagamento aos credores. Chega-se assim a um valor potencial total na venda de ativos da MMX de R\$ 276 milhões, equivalentes a 40% da dívida com os quirografários. Se conclui, portanto, que na recuperação da MMX esses credores devem assumir desconto de cerca de 60% nos créditos que têm a receber da MMX Sudeste.

Ricardo Werneck, presidente da MMX, disse que a empresa já pagou R\$ 4,9 milhões para credores classes I (trabalhistas), III (quirografários que aceitaram receber até R\$ 40 mil) e IV (pequenas e médias empresas). Werneck avaliou que a venda das minas foi um passo importante no caminho da MMX sair da recuperação judicial, mas é difícil prever datas.

A MMX ainda deverá chamar nova assembleia de credores para mudar a forma de venda das fazendas. A ideia inicial era vender no formato "porteira fechada" todas as terras. Mas agora pretende-se fazer a venda fatiada. No terminal ferroviário de Sarzedo, do qual a Mineração Usiminas é uma das sócias, não há interessados na compra. Assim, a participação de 22,5% da MMX no terminal deve ser entregue em garantia aos credores.

Trafigura e Mubadala vão trabalhar junto às autoridades em Minas Gerais para retomar a produção nas minas, que estão embargadas desde 2014. A Secretaria de Estado de Meio Ambiente e de Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais (Semad) disse que as atividades das minas de Tico-Tico e Ipê continuam embargadas. Segundo fontes, houve compromisso de conservar as cavernas nas áreas de mineração da MMX até que a Mineração Morro do Ipê alcance novo acordo com as autoridades em Minas Gerais.

**Fonte: Valor**

**Autor: Francisco Góes**

**Data: 01/11/2016**



## **CHINESE BUY WORLD'S LARGEST MINING PROJECT**

World number two miner Rio Tinto is exiting the world's largest mining project, by selling its stake in Guinea's Simandou iron ore to partner Chinalco, potentially opening up a new path to development for the \$20 billion project.

According to a statement by Melbourne-based Rio the deal is worth between \$1.1 billion and \$1.3 billion payable when Simandou starts commercial production and based on output. Rio says a final agreement could be inked within six months. In February this year Rio wrote down the value of Simandou by \$1.1 billion, before deciding to shelve the project.

Rio owns 46.6% of Simandou south; Chinalco's stake is 41.3% and the Guinea government holds 7.5%. Earlier this month the World Bank's financing arm – the International Finance Corporation – sold its 4.6% interest.

Rio has already spent more than \$3 billion on the project having first acquired the property in the late nineties. With complete control, Beijing-based Chinalco may revive the stalled project, no doubt with the backing of the central government. In September Chinalco took private its Hong Kong listed mining arm, primarily focused on copper.

China consumes more than 70% of the world's seaborne iron ore and is on track to import one billion tonnes of the steelmaking raw material this year. Imports have gradually displaced domestic production, pushing dozens of Chinese iron ore mines into bankruptcy.

The shelving of the project has been devastating news for Guinea. Simandou by itself would've been the world's fifth-largest producer at 95 million tonnes per year.

Simandou with over two billion tonnes of reserves and some of the highest grades for direct-shipping-ore in the industry (66% – 68% Fe which attracts premium pricing) has a back-of-the-envelope calculation value of more than \$110 billion at today's prices.

The initial agreement signed in May 2014 called for a new 650km railway across the West African country to Conakry, Guinea's capital in the north, plus a new deep water port at a conservatively estimated cost of \$7 billion; infrastructure investments that would double the economy of the impoverished country.

The impoverished nation, which was one of the worst affected country by the recent Ebola epidemic, and is in dire need of infrastructure to develop other parts of the industry, particularly the export of bauxite, the primary ore used to manufacture aluminum. Bauxite represents some 80% of the country's export earnings. Chinalco is primarily an aluminum manufacturer.

Simandou's chequered history

Rio Tinto held the license for the entire deposit since the early 1990s, but was stripped of the northern blocks in 2008 by a former dictator of the country.

BSG Resources, a company associated with Israeli diamond billionaire Beny Steinmetz acquired the concession later that year after spending \$160 million exploring the property.

In 2010 BSGR sold 51% to Vale for \$2.5 billion. The Rio de Janeiro-based company stopped paying after the first \$500 million after missing a number of development milestones. Then the new Guinean government under Conde launched a review of all mining contracts awarded under previous regimes and launched an investigation into the Vale-BSGR joint venture.

The Guinea government withdrew the mining permit in April last year, accusing BSGR of obtaining its rights through corruption. BSGR has denied wrongdoing and filed an arbitration request in an attempt to win compensation from the Western African nation.

Shortly after BSGR's rights were stripped Rio filed a lawsuit for billions of dollars against both Vale and BSGR in New York courts for what it called a "steal" of its previously-owned concession. Rio alleged BSGR paid a \$200 million bribe to Guinea's former minister using funds from Vale's initial payment.

The US district court threw out the case in November last year saying Rio "had waited too long to file the lawsuit" under the Racketeer Influence and Corrupt Organizations Act, which calls for a four-year time limit.

**Fonte: Mining.com**

**Autor: Frik Els**

**Data: 28/10/2016**



## **HORA DE INOVAR**

A balada pela queda dos preços das matérias-primas e com a imagem manchada pelo impacto de desastres ambientais, a indústria de mineração de todo o mundo se encontrou no Rio de Janeiro para debater o futuro. Responsável por 5% do PIB do planeta, o setor precisa encontrar uma saída. O 24º Congresso Mundial de Mineração reuniu especialistas, empresários, investidores e ambientalistas de 40 países para traçar os rumos da retomada. Durante quatro dias se discutiu inovação, tecnologia, governança e sustentabilidade. São os pontos chave para livrar o setor da estagnação e garantir maior segurança aos negócios.

"Não há economia forte sem mineração", disse Józef Dubinski, presidente do Congresso Mundial de Mineração (WMC 2016), que ocorreu entre os dias 18 e 21. "Estamos reencontrando o caminho do nosso desenvolvimento e o setor mineral será a alavanca do progresso", afirmou José Fernando Coura, presidente do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram).

"Muitos ainda se recusam a enxergar os recursos naturais com fonte de desenvolvimento", disse Clóvis Torres Junior, presidente do conselho diretor do Ibram e diretor de recursos humanos, integridade corporativa e consultoria-geral da Vale.

Há quatro anos, a indústria de mineração está em baixa. A queda livre na cotação internacional das matérias-primas minerais, com a redução da demanda da China e o excesso de produção, afetou os investimentos e impactou a balança comercial de países exportadores como o Brasil.

A indústria foi abalada ainda pela reação de comunidades à implantação de novos campos no Peru, pelos impactos sociais e ambientais, e pelo desastre da Samarco, com o rompimento de uma barragem que deixou um rastro de destruição em Mariana (MG).

Um dos desafios agora é reconstruir a imagem para pavimentar o futuro. A tônica está em inovação, tema que pautou os quatro dias do encontro. Tecnologia, sustentabilidade, governança e participação das comunidades foram objeto de debate no Centro de Convenções SulAmérica, lotado por mil visitantes por dia atentos aos 120 palestrantes que se revezaram nos microfones.

Alguns especialistas destacaram a importância de a indústria se reinventar. "O modelo de negócios da mineração do futuro incluirá os participantes externos em todas as áreas das mineradoras", disse o consultor George Hemingway.

"É fundamental para empresa do setor o diálogo com comunidades das áreas de operação", afirmou Torres Junior, da Vale, na abertura do evento. "O mundo necessita da mineração, mas a indústria precisa mudar", considerou Kulvir Singh Gill, diretor da consultoria estratégica Clareo Partners e integrante da Rede de Inovação Kellogg, que reúne líderes de negócios em todo o mundo com foco em inovação.

Os percalços não impedem apostas ousadas. "Nos últimos seis anos, nosso investimento em mineração cresceu quase duas vezes. Temos 80 projetos novos que empregam mais de 15 mil pessoas", disse Zamir Saginov, secretário-executivo do Ministério de Investimentos e Desenvolvimento do Cazaquistão, que vai sediar na capital, Astana, o 25º Congresso Mundial de Mineração, em 2019.

Nono maior país em extensão do mundo, com uma população de 17,5 milhões de pessoas, o Cazaquistão tem mais de 2 mil empresas mineradoras. É rico em reservas de urânio, zinco, prata e carvão. O setor de mineração investiu em transparência e compliance para se aproximar dos padrões ocidentais sem descuidar do grande consumidor do outro lado da fronteira: a China.

O maior mercado de minérios do mundo também faz suas apostas. Uma delas é aumentar a produção de carvão mineral em mais 500 milhões de toneladas nos próximos cinco anos. A China já produz mais de 800 milhões de toneladas anuais. Para equilibrar oferta e demanda, busca otimizar a estrutura produtiva da indústria.

"O desenvolvimento de novas tecnologias é importante para que o salto seja dado com o menor impacto ambiental possível. Queremos promover a utilização limpa do carvão e reduzir o nível de emissões de carbono do setor", disse Wang Xianheng, presidente da Associação Nacional de Carvão da China.

São movimentos que animam a vislumbrar uma retomada do crescimento na mineração mundial. A volta por cima deve começar no final de 2017. "Estamos vendo a luz no fim do túnel e não é um trem na contramão", afirmou o analista sueco Magnus Ericsson, da Universidade Técnica de Lulea. Há indicações positivas da retomada como o aumento no portfólio de pedidos das empresas de equipamentos.

O setor extrativo responde por 5% do PIB mundial, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), algo em torno de US\$ 3,9 trilhões. No rastro da desvalorização das matérias-primas minerais, depois de um ciclo de alta que durou de 2003 a 2012, o setor se encaminha para o quarto ano de queda nos investimentos: -30,7% em 2013, -24% em 2014 e -11% no ano passado, de acordo com a SNL Metal Mining. Os aportes, que chegaram a US\$ 24,4 bilhões, em 2012, caíram para pouco mais de US\$ 10 bilhões, em 2015.

No Brasil, líder mundial na exportação de nióbio e terceiro entre os exportadores de minério de ferro, a indústria sentiu o baque. Ainda assim, tem participação importante no saldo da balança comercial: US\$ 30,2 bilhões em 2012, US\$ 32,5 bilhões em 2013, US\$ 26,3 bilhões em 2014 e US\$ 15,1 bilhões no ano passado.

A participação do setor no PIB brasileiro é de 4%. "Podemos chegar logo a 6% do PIB. Esperamos a retomada dos investimentos no país, principalmente para o setor

mineral. Temos base mineral diversa e uma plataforma industrial para fomentar a exportação em maior escala", disse o ministro interino de Minas e Energia, Paulo Pedrosa.

No Brasil, a nova fronteira da mineração, de acordo com especialistas reunidos no Rio, é a Amazônia. O potencial é proporcional aos desafios de operar em áreas isoladas, com limitações relativas a reservas ambientais e à presença de populações indígenas. A região é rica em xisto, manganês e urânio. "A Amazônia será a principal fonte de crescimento das mineradoras no país", afirmou o diretor de assuntos ambientais do Ibram, Rinaldo Mancin.

Toda a América do Sul está no radar das grandes mineradoras internacionais. Apesar do aumento dos investimentos na Ásia e na África, a região ainda é o principal mercado das empresas de mineração canadenses.

A Argentina espera atrair US\$ 20 bilhões em investimentos para o setor até 2021, segundo anúncio do presidente da Câmara de Mineração Argentina, Gustavo Koch. "Trabalhamos junto ao governo canadense para avançar em acordos de livre comércio com países da região. Se não for possível uma abertura comercial, pelo menos que haja proteção aos investimentos", ponderou Pierre Gratton, presidente da Associação de Mineração do Canadá.

A insegurança jurídica não é o único problema. "É impossível conceber o Peru sem mineração, mas o país enfrenta forte resistência à implantação de novos projetos. Há grandes investimentos, como a mina de cobre Las Bambas, parada por causa de protestos da comunidade, há conflito", disse Romulo Mamani, ex-vice-ministro de Energia e Minas do Peru.

Ao passar a "Falun Lamp", símbolo do congresso, ao embaixador do Cazaquistão no Brasil, Kairat Sarzhanov, no fim do evento, Coura deixou encaminhadas as discussões que deverão mobilizar a indústria nos próximos três anos.

A alternativa de fomentar um novo mercado consumidor caso a China decida reduzir seus investimentos em infraestrutura e a possibilidade de acordo de redução da produção para conter a queda dos preços talvez precisem ser decididas antes do encontro de Astana, assim como a resposta às questões mais imediatas da indústria que talvez não possam esperar até lá. "A indústria pode ser sustentável e limpa, mas para isso há algo fundamental: depois do que aconteceu com a Samarco é preciso haver engajamento com a comunidade", afirmou Ruben Fernandes, presidente da Anglo American no Brasil. "As mineradoras precisam se modernizar para o século XXI", resumiu Dubinki.

**Fonte: Valor**

**Autor: Paulo Vasconcellos**

**Data: 28/10/2016**



## ESTAMOS VOLTANDO À NORMALIDADE?

A indústria da mineração está iniciando um movimento de volta à normalidade de antes do Superciclo, quando a produção crescia taxas modestas e o nível de rentabilidade das empresas era relativamente baixo. É o que podemos concluir a partir de observações feitas durante a MINExpo 2016, maior feira mundial de equipamentos e tecnologias para a mineração, organizada a cada quatro anos pela NMA (National Mining Association), dos Estados Unidos, e realizada na cidade de Las Vegas.

Embora com um número de visitantes bem menor do que o verificado na edição de 2012, quando a mineração ainda vivia sob os efeitos do Superciclo das commodities, a mostra trouxe muitas novidades, principalmente na linha da inovação. E serviu de termômetro para se avaliar a expectativa das empresas com relação ao futuro.

Pelo lado da cadeia de suprimentos da indústria de mineração, os grandes players aproveitaram esta edição na MINExpo para lançar novos equipamentos com maior capacidade e elevado conteúdo tecnológico, cujo desenvolvimento exigiu muito investimento. E ninguém investe no lançamento de novos produtos se não tiver a percepção de que haverá demanda no mercado para os mesmos. Segundo os executivos dessas grandes empresas fabricantes, esses lançamentos foram precedidos de consultas às companhias mineradoras para saber exatamente o que eles desejavam ou precisavam para melhorar o desempenho de suas corporações. Assim, eles identificaram que seus clientes queriam equipamentos que lhe permitissem transportar mais toneladas, com menor custo, que aumentassem a segurança nas operações, que reduzissem o consumo de energia e que tivessem o maior índice possível de automação.

A explicação para essas necessidades é que os dirigentes da indústria de mineração sabem que dificilmente os preços das commodities minerais aumentarão para níveis muito maiores dos que se encontram atualmente. O que significa que as empresas terão que ser eficientes dentro dessa nova realidade de preços, como foram no passado.

O caminho da eficiência – pelo menos no caso das grandes empresas produtoras de bens minerais – passa necessariamente pelo avanço da tecnologia digital nas operações, em todos os níveis de cadeia de produção. E isto explica o interesse dos visitantes com relação às empresas que atuam nessa área e que também mostraram muitas novidades que certamente mudarão o jeito de se fazer mineração num futuro próximo. O ambiente exibido no filme Avatar parece estar cada vez mais próximo de se transformar em realidade. Cada vez mais as operações dependerão menos de pessoas na execução de tarefas que são duras, perigosas e insalubres mais e mais as pessoas estarão no comando das operações e não em sua execução. Isto a MINExpo 2016 deixou muito claro.

Um fato que chamou nossa atenção, na mostra, foi a pequena presença de brasileiros, ao contrário do que ocorreu em outras edições. Na de 2012, por exemplo,

ouviam-se bastante os portugueses pelos corredores do Las Vegas Convention Center, porque muitas mineradoras, embaladas pelo boom do Superciclo, mandavam seus técnicos em busca de novidades para serem incorporadas a suas operações. Naquela época, o Brasil estava “na onda”, com investimentos bilionários em projetos de mineração. Este ano, no entanto, o português foi substituído pelo castelhano, com um grande número de visitantes do Chile, Peru, Colômbia, México, onde os investimentos prosseguem, embora em níveis mais modestos, mesmo depois do Superciclo. Resta-nos torcer para que na próxima MINExpo possamos estar em melhor situação.

**Fonte: Brasil Mineral**

**Autor: Francisco Alves**

**Data: Setembro de 2016**



## **EXPANDIR PRODUÇÃO OU ADIAR PROJETOS, O DILEMA DA MINERAÇÃO**

As mineradoras globais enfrentam um dilema urgente diante do colapso prolongado dos preços das commodities: apostar firmemente em novos projetos antes que haja sinais claros de recuperação - ou esperar até que a alta nos preços ganhe força. A questão fundamental para a decisão de cada empresa é se a China deixou definitivamente de ser um motor da demanda por matérias-primas, ou se as famílias e empresas chinesas estão prestes a elevar os gastos com bens como aparelhos de ar condicionado ou geladeiras. Este último cenário exigiria commodities que tiveram pouco destaque na industrialização da China até agora.

Para os executivos das mineradoras, isso significa administrar um ciclo de commodities que, segundo especialistas, é diferente de todos os ocorridos nos últimos 100 anos. Normalmente, a mineração vive ciclos de cerca de quatro anos entre um boom e uma queda nos preços, embora alguns "superciclos" alimentados pela indústria possam durar décadas. Não está claro se o setor está no limiar de um novo boom ou se continuará declinando.

A anglo-australiana Rio Tinto PLC está entre as poucas mineradoras que estão apostando alto. Em maio, a empresa aprovou um investimento de US\$ 5,3 bilhões para expandir uma mina de cobre na Mongólia, numa tentativa de reduzir sua dependência do minério de ferro. A empresa também está levando adiante outras iniciativas, como a exploração de bauxita para produzir alumínio no leste australiano, um projeto orçado em US\$ 1,9 bilhão, e uma mina de minério de ferro na remota região de Pilbara, também na Austrália.

"A estratégia de crescimento da Rio daqui para frente será: Construa e compre de forma inteligente", diz Jean-Sébastien Jacques, que se tornou diretor-presidente da empresa em julho.

A Rio Tinto acredita que o cobre, e não o minério de ferro, será uma das primeiras commodities a se recuperar. Jacques estima que o metal, altamente usado nos setores de manufatura e construção, vai se tornar escasso em dois ou três anos. Outras mineradoras estão mais cautelosas.

A brasileira Vale vem cortando custos e informou que, no terceiro trimestre, reduziu os gastos com suas operações em 33% em relação ao mesmo período de 2015, para US\$ 1,26 bilhão.

"Estamos confiantes de que, nesse momento, o mercado não precisa de mais toneladas" de minerais, diz Nev Power, diretor-presidente do Fortescue Metals Group. A produtora de minério de ferro está evitando expandir sua extração.

A BHP Billiton Ltd., que há anos queria expandir sua mina de cobre Olympic Dam, conteve suas ambições devido à queda nos preços das commodities. A empresa anglo-australiana está experimentando novos métodos para reduzir o custo da extração em suas minas, mas essas experiências não seriam concluídas antes de 2019, o que indica que uma expansão não acontecerá antes de 2020.

"Nós devemos chegar um pouco tarde para a festa", diz Jacqui McGill, executivo da BHP responsável pela Olympic Dam.

A magnitude da última alta observada nos preços dos metais foi maior que aquela registrada nos anos de industrialização dos Estados Unidos ou na Europa do pós-guerra. Bilge Erten, professora-assistente do departamento de economia da Universidade Northeastern, nos EUA, diz que os preços mais que triplicaram no período de 13 anos até 2012 e que tal alta foi pelo menos o dobro da registrada em qualquer um dos três superciclos anteriores - que chegaram a durar pelo menos 20 anos. Mais commodities também subiram juntas do que em qualquer outra época da história recente.

Enquanto a BHP não resolve o que fazer com o projeto Olympic Dam, uma equipe de analistas da empresa visita regularmente fábricas e ferros-velhos em busca de pistas sobre a demanda futura por commodities.

"Quanto cobre foi recuperado de um carro há dois anos, quanto cobre foi recuperado de um carro há cinco anos, quanto achamos que será recuperado daqui a dez anos? Essas são tendências que estamos olhando", diz Arnoud Balhuizen, executivo da BHP responsável por avaliar a demanda global por commodities.

A BHP também recorreu a fabricantes asiáticos de aparelhos de ar condicionado para testar suas previsões sobre preços de commodities.

A China deve vender US\$ 70,5 bilhões em aparelhos de ar condicionado comerciais e residenciais neste ano, segundo a consultoria IBISWorld. Cada unidade exige cerca de 5,3 quilos de cobre.

"É realmente importante para as empresas planejar antecipadamente", diz Erten, a professora da Northeastern. "Obviamente, você não quer investir em commodities que terão uma queda nos preços por mais de 20 anos."

Ainda assim, executivos de mineradoras frequentemente fazem uma leitura errada do mercado. As duas maiores mineradoras do mundo foram criticadas por inundar

o mercado global com minério de ferro nos últimos anos, num momento de desaceleração de demanda, causando um excesso na oferta mundial do principal ingrediente do aço.

Previsões sobre commodities também são afetadas por inovações e mudanças políticas.

As perspectivas do setor de carvão, por exemplo, estão sendo chacoalhadas por mudanças na política chinesa sobre a indústria local e poluição do ar.

Além disso, novos projetos demoram um pouco para entrar em operação. Uma mina de cobre de porte significativo leva, em média, 12 anos entre a descoberta das reservas e o início da produção. A expansão que a Rio Tinto está fazendo em sua mina Oyu Tolgoi deve começar a produzir em 2020, possivelmente freando uma recuperação nos preços.

"É muito difícil acertar o momento", diz Graham Kerr, diretor-presidente da South32 Ltd., mineradora criada a partir de um desmembramento da BHP Billiton. Determinar "quando o mercado de aço vai estar em seu pico, ou quando o cobre estará com excesso ou escassez de oferta, a indústria não tem sido particularmente boa nisso," diz ele.

**Fonte: Valor**

**Autor: Rhiannon Hoyle | The Wall Street Journal, de Sydney**

**Data: 01/11/2016**



## **BRAZIL RESOURCES VAI LEVANTAR R\$ 14 MI COM VENDA DE TÍTULOS**

A Brazil Resources disse que vai aumentar o valor da colocação privada de títulos, anunciada na sexta-feira (28), de 4 milhões de dólares canadenses para 6 milhões, cerca de R\$ 14,2 milhões. O motivo, segundo a mineradora, foi a elevada procura pelo papel por investidores novos e atuais. A Brazil é dona dos projetos de ouro Cachoeira e São Jorge, no Pará.

De acordo com comunicado enviado hoje (31) à Bolsa de Valores de Toronto (TSX), a companhia pretende usar os fundos a serem captados para impulsionar a estratégia atual de aquisições e capital de giro.

"Como informado anteriormente, cada unidade consiste em uma ação ordinária da Companhia e metade de uma opção de compra, que dá direito ao seu detentor a adquirir uma ação ordinária da companhia ao preço de exercício de \$3.50 em até dois anos após o fechamento dessa colocação privada", diz a mineradora em nota.

Os papéis emitidos em colocação privada estão sujeitos a um período de carência de quatro meses, entre outras restrições aplicáveis. Em fevereiro deste ano, a Brazil Resources captou cerca de 2,7 milhões de dólares canadenses, cerca de R\$ 7,8 milhões na época.

No Brasil, a mineradora canadense detém quatro direitos minerários em Itaituba e Novo Progresso, no Pará, por meio da Brazilian Resources Mineração, sendo que três deles são autorizações de pesquisa e um requerimento.

A Brazil Resources é uma companhia de exploração mineral focada na aquisição, exploração e desenvolvimento de projetos no Brasil, Estados Unidos, Canadá e Colômbia, onde recentemente comprou o projeto de ouro e cobre Titiribi, que está em fase adiantada de exploração. Nos EUA tem o projeto de cobre e ouro Whistler, que fica no Alasca, e em Alberta, no Canadá, controla o projeto de urânio Rea.

**Fonte: Notícias de Mineração**

**Data: 31/10/2016**



## **PROJETOS DE INOVAÇÃO DISPÕEM DE R\$ 1,2 BI**

Na próxima década, o setor de mineração no Brasil terá avanços tecnológicos, com aprimoramento de operações e processos envolvendo sustentabilidade, desde que haja mais investimento em pesquisas aplicadas à área e que os projetos sejam resultado de uma associação mais intensa entre empresas e centros de pesquisa. A análise é do professor e consultor em mineração Jair Carlos Koppe, ligado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS).

Em sintonia com esse cenário, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Finep, focados no estímulo à inovação e no aumento da competitividade do setor de mineração e transformação mineral no Brasil, estão promovendo ações para atrair planos de negócios baseados em pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I) no âmbito do Inova Mineral - Plano de Desenvolvimento, Sustentabilidade e Inovação do Setor de Mineração e Transformação Mineral. Inserido no Plano Inova Empresa e desenvolvido em conjunto pelo BNDES e pela Finep, o Inova Mineral oferece R\$ 1,18 bilhão, reembolsáveis e não-reembolsáveis, às empresas que tiverem seus respectivos planos de negócios selecionados.

A primeira etapa para inscrição de planos de negócios, iniciada em setembro, termina no dia 1º de novembro, mas haverá uma segunda chance de inscrição em abril de 2017. Pedro Sérgio Landim de Carvalho, gerente setorial do Departamento de Mineração e Metais do BNDES, diz que o edital é aberto a empresas de todos os portes e inclui startups e incubadas em universidades e institutos de pesquisa. De acordo com Carvalho, um dos objetivos do Inova Mineral é aumentar o apoio e o investimento a projetos de risco tecnológico. O plano também pretende fortalecer as relações entre empresas, setor público e instituições de ciência e tecnologia (ICTs).

De acordo com Henrique Vasquez Fêteira do Vale, da equipe do departamento de petróleo, mineração e siderurgia da Finep, serão financiados projetos de inovação baseados em tecnologias aplicadas em cinco linhas temáticas. Elas incluem materiais de alto desempenho, ligas e suas aplicações (como titânio, vanádio, cobalto, lítio, grafita

entre outros); minerais com elevado déficit comercial (fosfato e potássio); tecnologias de mineração e processos produtivos; tecnologias e processos para redução e mitigação de riscos e impactos ambientais na mineração e uma linha totalmente dedicada ao desenvolvimento e produção pioneira, no Brasil, de máquinas, equipamentos, softwares e sistemas para mineração e transformação mineral.

Mas a Vale chama a atenção para o fato de que, qualquer que seja a linha escolhida, os recursos do Inova Material não vão contemplar projetos que representem uma adaptação ou internalização de tecnologias já desenvolvidas no exterior pelas empresas líderes instaladas no Brasil. "A única exceção são os planos de negócios voltados à produção pioneira de equipamentos, softwares e sistemas para mineração e transformação mineral, compreendidos na Linha 5", explica.

Também fazem parte do conjunto de metas do Inova Mineral, cujo edital está disponível nos sites da Finep e BNDES, o fomento à criação de processos e soluções inovadores resultando em impactos positivos na indústria mineral; a busca da redução de riscos e impactos ambientais das atividades de mineração e transformação mineral e a elevação do patamar tecnológico da cadeia nacional de fornecedores, priorizando o desenvolvimento de engenharia nacional e absorção de novas tecnologias

**Fonte: Valor**

**Autor: Suzana Liskaukas**

**Data: 28/10/2016**



## **COLOMBIAN AUTHORITIES CAPTURE ILLEGAL MINING CAPO**

Following three failed attempts, navy forces operating in the town of Timbiquí, in Colombia's southwestern province of Cauca, apprehended a big fish: José Didier Cadavid Salgado, who is considered to be one of the major illegal mining capos in the country.

According to a press release sent out by the National Prosecutor's Office, Cadavid Salgado was initially arrested for carrying false identification documents.

However, while investigating him, authorities realized he was wanted for the crimes of conspiracy, illicit enrichment, financing terrorism, environmental pollution caused by illegal mineral resource extraction and other criminal liabilities for damages caused to the environment in the Pacific coast of the Cauca and Nariño provinces.

In detail, he is accused of paying millions of pesos to armed groups in order to "safely" operate his illegal mining business.

The own Prosecutor's Office states that his influence in the area is so strong that people in Timbiquí rallied around the police station where he was being held in custody, in an attempt to free him up.

To avoid further confrontations, he was flown to Popayán, the province's capital, where a judge put him in jail.

Most of the charges laid against Cadavid Salgado are connected to environmental violations. According to authorities, as a result of his activities and those of other illegal miners, mercury and cyanide levels in the Timbiquí river are so high that neither water nor fish coming from the stream are fit for human consumption.

**Fonte: Mining.com**

**Autor: Valentina Ruiz Leotaud**

**Data: 02/11/2016**